

ISSN 1415-4498

# *M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

*14*

Centre de Documentation du Cours  
de Langue et Littérature Française

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO

L I T E R Á R I O

# *M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA  
VITÓRIA, ES – DEZEMBRO DE 2006

**Conselho Editorial:**

*ALMUTH GRÉSILLON*  
*AMÁLIO PINHEIRO*  
*JULIO CASTAÑON*  
*RAUL ANTELO*  
*ROBERTO BRANDÃO*  
*WILLI BOLLE*  
*YEDDA DIAS LIMA*

**Editoria científica:**

*ÂNGELA GRANDO BEZERRA*  
*APARECIDO JOSÉ CIRILLO*  
*MARIA REGINA RODRIGUES*  
*MARIA GORETE DADALTO GONÇALVES*  
*FERNANDO AUGUSTO DOS SANTOS NETO*

**Diretoria Editorial:**

*APARECIDO JOSÉ CIRILLO*

**Projeto Gráfico:**

*LUCIANO ALVES PORTELA*  
*VITOR CAMPOS LOUZADA*

**Ilustração Capa:**

*ATÍLIO COLNAGO*

# SUMÁRIO

1. Como entender os processos de criação vinte anos depois - Philippe Willemart.....	9
2. Lecture macro, lecture micro du processus d'écriture_ Réflexions sur la performativité du détail en critique génétique - Irène Fenoglio.....	22
3. Crítica de Processo - Cecília Salles.....	36
4. Signo e significação: Pensamento diagramático e leis de formação - Daniel Ribeiro Cardoso.....	41
5. Informação Estética: Processos de Construção de Formas na Criação - Edina Regina P. Panichi.....	47
6. Breviário das terras do brasil: uma aventura nos tempos da inquisição e os vários caminhos que os manuscritos nos proporcionam - Isabel Cristina Farias de Lima.....	52
7. A Comunidade do Arco-íris: a Gênese de um Possível Novo Mundo - Mara Lúcia Barbosa Da Silva.....	56
8. A presença de João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes em Acervos de escritores espanhóis - Ricardo Souza De Carvalho.....	61
9. Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação - Marcos Antonio de Moraes.....	65
10. Poética do processo - Roberto de Oliveira Brandão.....	71
11. Estética da Criação: a gênese de Vidas Secas, de Graciliano Ramos - Vanda Cunha Albieri Nery.....	75
12. O território do caderno de criação - Laís Guaraldo.....	80
13. O códice 367 (320) da Biblioteca Nacional de Lisboa - Carlos Eduardo Mendes de Moraes.....	88
14. Acervos de autores e projetos de edição crítica: Os casos de Fernando Pessoa e Eça de Queirós - Ceila Ferreira Martins.....	94
15. Ficção e Imprensa no Brasil: os Processos de Criação de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar - José Alcides Ribeiro.....	101
16. Machado de Assis e o Corpus flaubertianum - Verónica Galíndez Jorge.....	116
17. Revisitando a aquisição de segunda língua: inglês - Ana Elisa Machado Cysne.....	121
18. Tradução literária e crítica genética: Estudo genético do prototexto da tradução para o português do romance de Gabriel Garcia Marques Memória de minhas putas tristes. - Marie-Hélène Paret Passos.....	127
19. Drummond e o Arquivo-Museu de Literatura - Eliane Vasconcellos.....	132
20. Arquivos de escritores: as tramas no Arquivo Mário de Andrade - Marcia Regina Jaschke Machado.....	138

21. Método Van Gogh de formação em artes visuais - Edson P. Pfützenreuter.....	143
22. Um diálogo com as cartas de Vincent Van Gogh - A partir do livro Vincent Van Gogh: cartas a Théo - Maria Paula Palhares Fernandes.....	150
23. Italo Calvino: reflexões sobre processo de criação - Maria Sílvia Bigareli.....	161
24. A Poética de Norma Grinberg: O Arco do Desejo - Sylvia R. Fernandes.....	166
25. Construção metodológica na pesquisa em Educação: contribuições da Crítica Genética - Ronaldo Alexandre de Oliveira e Sílvia Regina Ribeiro.....	171
26. Processos de escritura na escola: breve panorama de alguns estudos franceses e brasileiros - Valquíria C. M. Borba e Eduardo Calil.....	177
27. Desdobrando as Funções dos Documentos de Processo: uma Análise nas Artes Visuais - Aparecido José Cirillo.....	185
28. Problemas de transcrição na Missa no. 7 de Francisco Mignone - Carlos Alberto Figueiredo.....	193
29. Processo de criação: diálogo com a cultura - Cristiane Miryam Drumond de Brito .....	199
30. Espaços de criação de duas ceramistas brasileiras - Maria Regina Rodrigues.....	206
31. Acaso como tendência: o projeto poético de Milton Montenegro - Maria Gorete Dadalto Gonçalves.....	215
32. Edição Crítica da Poesia Completa de Lúcio Cardoso - Ésio Macedo Ribeiro.....	225
33. A poesia machadiana: versões, traduções, revisões e diálogos – uma musa de roupas embebidas - Francine Fernandes Weiss Ricieri.....	231
34. O fazer naturalista em o mulato, de Aluísio Azevedo - Laura Camilo dos Santos Cruz. ....	237
35. Perspectivas sobre a gênese de Casa de pensão - Marizete Liamar Grando.....	244
36. A escrita literária é sempre uma prática crítica. Mas crítica do quê? Do processo - Claudia Amigo Pino.....	249
37. O processo telejornalístico na edição - Aline Grego.....	259
38. A Crítica Genética na Propaganda - Prof. João Vicente Cegato Bertomeu.....	268
39. O Processo de Criação e Produção em Os Simpsons - Profa. Chantal Herskovic.....	277
40. O Caderno Rosa de Hilda Hilst - Cristiane Grando.....	286
41. A condição fotográfica da arte contemporânea - gênese e o processo de criação - Evandro de Freitas Gauna.....	287
42. O processo de criação de Cidade de Deus - Keila Prado da Costa.....	289
43. Generalizações sobre o proceso criativo servindo como suporte no caminhar de uma oficina terapêutica ocupacional com psicóticos .....	290
44. Disciplina e liberdade: leituras processuais na música de H.J. Koellreutter.....	295

## 32. EDIÇÃO CRÍTICA DA POESIA COMPLETA DE LÚCIO CARDOSO<sup>107</sup>

ÉSIO MACEDO RIBEIRO  
USP

A literatura de Lúcio Cardoso (LC) (Joaquim L. C. Filho, Curvelo, MG, 14/08/1912 – Rio de Janeiro, RJ, 28/09/1968) conheceu um longo período de esquecimento que afinal terminou em 1998, na passagem dos trinta anos de sua morte, quando muito se comentou sua obra. Essa lembrança se estendeu até o ano seguinte, com o lançamento da edição comemorativa dos quarenta anos de publicação de *Crônica da Casa Assassinada* (1959), que vem sendo consensualmente considerada pela crítica como sua obra-prima. Alfredo Bosi, por exemplo, entende que nesse texto LC se encaminhava para “uma forma complexa de romance, em que o introspectivo, o atmosférico e o sensorial não mais se justapusessem mas se combinassem no nível de uma escritura cerrada, capaz de converter o descritivo em onírico e adensar o psicológico no existencial”. Segundo o crítico, nessa “obra-prima” já se faz “penoso distinguir a prosa da poesia” (Bosi 1970: 466-467).

Antes mesmo da redescoberta verificada no final da década de 1990, a obra de Lúcio Cardoso já vinha nos atraindo e desafiando intelectualmente □ e acabamos optando pelo estudo de sua poesia, ainda menos estudada do que sua prosa, quando escolhemos o objeto da nossa dissertação de mestrado, defendida em 2001 na Universidade de São Paulo, *O Riso Escuro ou o Pavão de Luto: um Percurso pela Poesia de Lúcio Cardoso*. Nela, fizemos uma apresentação da poesia de LC e também um levantamento bibliográfico do autor e sobre ele, anotado, revisto e ampliado.

Este projeto dá continuidade ao mestrado e propõe a reunião da eclética poesia cardosiana, caracterizada por traços que estilizam o Romantismo da segunda geração, o Simbolismo, o Expressionismo, o Surrealismo e o Modernismo. Em termos gerais, uma das principais fontes de inspiração de LC quanto aos temas e símbolos utilizados é o romantismo à moda de Álvares de Azevedo.

Ambos trabalham poeticamente a questão da agonia. Em LC, ela é modernizada, incluindo-se em uma poética mais marcada pelas imagens do que por uma estrutura metrificada e sonora apurada.

Assim como os românticos de segunda geração, o poeta tende a figurar a realidade em função de seu desconcerto existencial, valendo-se justamente das imagens para efetuar as conotações mais variadas.

A desarmonia existencial é sofrimento e solidão. A noite, as sombras, o frio, a morte e ressonâncias medievais são constantes, predominando o mistério e um tom tétrico, marcado pela presença dos infernos. Poemas como “A Casa do Solteiro”, em *Poemas Inéditos* (pp. 82-84), descreve uma casa no tom típico da literatura gótica.

Considerações sobre a poesia também aparecem na obra poética do escritor mineiro. No poema “A Floresta”, publicado em *Novas Poesias* (p. 56), por exemplo, o

fazer artístico e, mais especificamente, o poético é a referência de LC. Sofrimento e angústia são uma constante. Perante um mundo que considera hostil, o poeta se vale da palavra para sobreviver e não enlouquecer.

Não podemos ler a poesia de LC desvinculada de sua vida e de sua obra como um todo. Tudo nela está intrincado num jogo que se precipita na autoflagelação. Tentando fugir de seu isolamento, o poeta transpõe esse sentimento para a escrita, em busca da libertação. Apresentada dessa forma, a catarse de sua vida, figurada em sua obra, pode nos parecer simples e/ou destituída de mérito literário. Não é o que se constata após uma leitura acurada, seja de sua obra em verso ou em prosa.

Embora tenha publicado apenas dois livros de poesia em vida, LC nunca deixou de editar poemas na imprensa. Após sua morte, os amigos se incumbiram de levantar os textos dispersos e inéditos, com o intuito de contribuir para manter lembrado o nome do escritor.

Cabe lembrar que LC, ainda que seja um escritor mais conhecido por sua prosa, sobretudo a do romance *Crônica da Casa Assassinada*, é um artista multifacetado, já que atuou como poeta, dramaturgo, roteirista, cineasta, memorialista, artista plástico, cronista, ensaísta e tradutor. E que, dentre todas estas atividades, seus livros de poesia têm sido até hoje sua face menos estudada. Desse modo, a edição e o exame de sua obra poética contribuem para iluminar aspectos dos seus textos em prosa, sobretudo aqueles em que os signos da noite, da morte e das sombras são também recorrentes.

Este novo projeto, que é a Edição Crítica da Poesia Completa de Lúcio Cardoso, objetiva organizar a poesia édita e inédita do autor. Do corpus farão parte os dois livros de poemas organizados e publicados em vida pelo autor (*Poesias*, José Olympio, 1941; *Novas Poesias*, José Olympio, 1944) e o póstumo, organizado pelo escritor e amigo de LC, Octávio de Faria<sup>108</sup> (*Poemas Inéditos*, Nova Fronteira, 1982); além de poemas dispersos publicados em antologias e periódicos, e outros que permanecem inéditos em acervos públicos e particulares como: Arquivo Lúcio Cardoso (ALC) e Arquivo Walmir Ayala, do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB), da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), Acervo André Seffrin e Acervo Luiz Carlos Lacerda, no Rio de Janeiro e Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, em São Paulo. Vale lembrar que só no ALC há 484 páginas de manuscritos autógrafos e datiloscritos, que permanecem inéditos.

Dito isto, passamos a tratar, especialmente, sobre o estado geral do espólio deixado por LC. Desde o momento em que esteve em poder dele, até sua transferência para as mãos de sua irmã e amiga dileta, a também escritora, Maria Helena Cardoso, quando ele morreu. Tratamos ainda sobre a doação de todo o espólio do irmão ao AMLB, da FCRB, no Rio de Janeiro.

Os originais manuscritos dos textos de LC têm uma história pitoresca. Para começar, assim como Fernando Pessoa, LC mantinha em sua casa um baú onde os guardava. Esta atividade de guardar os manuscritos nesse baú se manteve inalterada até ele sofrer o derrame que o deixaria hemiplégico, em 1962. Fato que o levou a se mudar de sua casa para a de Maria Helena Cardoso, onde poderia receber melhores cuidados médicos e a atenção de familiares e amigos.

Na mudança, levaram-se poucos pertences de LC. Seus manuscritos foram dei-

xados para trás. Até que, certo dia, LC solicitou que fosse trazido para junto dele o baú e seu respectivo conteúdo. Mas, Walmir Ayala, que residia com LC nesta época, em vez disso, tirou tudo que havia no baú e enrolou num lençol. Assim, transferiu a grande quantidade de guardados dele, incluindo todos os manuscritos dos poemas que até aquela data em sua grande maioria estavam inéditos. LC queria apenas tê-los perto de si, pois por causa da hemiplegia perdera os movimentos do lado direito do corpo e nunca mais escreveu nada até sua morte, ocorrida em 1968.

Esses documentos permaneceram em poder de sua irmã, após sua morte, intocados, até 1972. A partir desse ano, com a ajuda do amigo Walmir Ayala, ela resolveu doar todo o acervo para a FCRB. O que foi feito em várias etapas. Após a morte de Walmir, Maria Helena recebeu a ajuda do crítico literário, André Seffrin, para concluir seu intento.

De posse do espólio, a FCRB, em prol de preservar e de, ao mesmo tempo, viabilizar a pesquisa dessa documentação aos estudiosos da vida e obra de LC, designou uma equipe de pesquisadores, formada por Eliane Vasconcellos e Rosângela Florido Rangel, responsáveis por catalogar e arquivar os documentos de LC depositados naquela fundação.

O trabalho resultou no catálogo do Inventário do Arquivo Lúcio Cardoso, que foi publicado em 1989, pela FCRB, objetivando a divulgação da rica documentação que cobre o período de 1927 a 1968.

A análise e classificação do material<sup>109</sup> não foram muito acuradas, pois encontramos entre os manuscritos das poesias, trechos de textos teatrais e de prosa. Os poemas foram arquivados em ordem alfabética de títulos e primeiros versos, o que por um lado facilita a consulta mas por outro dificulta, pelo fato de os documentos não terem sido ordenados antes de seu arquivamento.

Segundo Plínio Doyle, no texto introdutório do Inventário do Arquivo Lúcio Cardoso (p. 7), a equipe teve um tempo exíguo para organizá-lo, o que pode explicar os deslizos que mencionamos. Por exemplo, ao começarmos a pesquisar os manuscritos, percebemos que muitos dos supostos “poemas” arquivados na FCRB, segundo encontramos na organização feita por Octávio de Faria para o livro póstumo, *Poemas Inéditos*, de 1982, não estavam mais juntos.

Ao que tudo indica, Octávio de Faria manuseou os manuscritos antes que eles fossem abertos à pesquisa pública, pela FCRB, em dezembro de 1986. Há, em *Poemas Inéditos*, muitos poemas incompletos e/ou textos que são apenas fragmentos e outros que nem sequer pertencem a LC; erros de transcrição, entre outras discrepâncias. Mas, dados os devidos descontos por esses “deslizos”, a edição de Octávio é louvável. Pois, como mencionamos, além de reunir os poemas do espólio, ele teve a pertinente idéia de coletar entre os amigos de LC os poemas que LC deu de presente a eles.

O ALC, percebe-se, não seguiu a organização de Octávio. Quando consultamos os documentos lá conservados, percebemos que muitos apresentavam a mesma incompletude apresentada em *Poemas Inéditos* e, pior, poemas que estavam completos no livro em questão foram separados durante o arquivamento. As diferenças e semelhanças dos manuscritos podem ser percebidas pelo tipo e dimensão dos papéis utilizados, cor de tinta empregada, entre outros fatores. Muitas vezes, o que se pensava

ser um poema era, na verdade, parte de outro. Enfim, um verdadeiro “quebra-cabeça”. Ordenar e montar as peças desse “quebra-cabeça” emaranhado de manuscritos de poemas está sendo a tarefa de nossa tese. Tudo se torna ainda mais penoso porque estamos tratando de escritos de autor morto.

LC, é sabido, tinha a mania de escrever em todo e qualquer tipo de papel e em qualquer lugar que estivesse, fosse um bar, restaurante, hotel, ou em casa de amigos. E não tinha por hábito numerar as páginas quando escrevia seus versos, por exemplo, em um bloco de notas. Imagine-se isso tudo embaralhado.

O que ajuda a ordenar a dispersão deixada por LC é a sua letra, que é legível. Há pouca variação da grafia da primeira safra de poemas, datada de 1931, até a última, datada de 1962.

Para o estabelecimento dos textos da Edição Crítica da Poesia Completa de Lúcio Cardoso, tivemos como texto-base os três livros de poemas do autor, os quais tiveram somente uma única edição até a presente data, os manuscritos e datiloscritos deixados pelo autor e os poemas que permanecem inéditos. Com base na história dos textos e após a análise minuciosa das edições, serão feitas reparações pertinentes, levando-se em conta lapsos tipográficos e outras interferências. Cito um só exemplo. Equivocadamente, Octávio de Faria inseriu em Poemas Inéditos quatro poemas que não pertencem comprovadamente a LC – três dos quais são de autoria do poeta Emil de Castro (“Procissão das Almas”, “A Gardênia” e “Primeira Manhã após a Cegueira”), e o quarto (“[Ei-lo que Surge Arquejante]”) de autoria de um outro amigo de LC, apenas identificado no manuscrito do poema como João Francisco – Chiquinho.

Será mantida, entretanto, a organização dos três primeiros livros, exceção feita ao terceiro deles, Poemas Inéditos, de onde suprimiremos os quatro poemas mencionados acima e, ainda, por já ter sido publicado em Novas Poesias, o poema “Auto-Retrato”. Quanto aos poemas dispersos divulgados em periódicos e em antologias e os poemas que permanecem inéditos, após o cotejo, assinalaremos todas as variantes<sup>110</sup> compreendendo: a) acréscimos, b) alterações, c) correções do autor, d) substituições, e) supressões, f) erros tipográficos nas edições e g) idiossincrasias ortográficas e sintáticas do autor, e será estabelecido o texto. Concluída esta parte, serão abertos dois capítulos mais para os poemas que não constarem efetivamente de nenhum dos três livros do poeta. O primeiro deles, “Outros Poemas Inéditos (1931-2000)”, trará os poemas datados e/ou que foram publicados em periódicos. Já os poemas não-datados e/ou “incompletos” virão no último capítulo, “Manuscritos Não-Publicados”. Lembramos que alguns dos poemas que permanecem inéditos e mesmo aqueles publicados em vida e/ou postumamente têm, comumente, mais de uma versão.

Os textos serão organizados com base nos princípios da crítica textual, linha teórica que permite verificar com precisão tanto quanto possível o que um autor de fato escreveu ou o que ele desejou que fosse a versão final de cada texto seu. O procedimento adotado permite cotejar ou pôr lado a lado os textos publicados de um trabalho, junto com os textos manuscritos que sobreviveram, no sentido de encontrar as mudanças feitas pelo autor em seus vários estágios de escritura, para identificar e corrigir as fontes erradas, visando estabelecer o texto segundo a última versão do autor.



Este método de investigação nos dará subsídios para uma melhor forma organizacional do trabalho isto vale somente para a parte dois da tese, em que apresentaremos a fixação dos textos da poesia completa de LC. Esse processo requer registro e transcrição meticulosa das variantes dos versos, segmentos e palavras, constituindo, assim, extraordinário e copioso material para o estudo da ação de LC em seu processo criador.

A poesia cardosiana é pouco estudada pela academia e desconhecida do público. Sendo assim, ao apresentarmos os estados da evolução dos textos poéticos de LC como emendas, alternativas e hesitações, procuraremos dar ao leitor não só a possibilidade de conhecer sua obra em verso, mas também seu processo minucioso de elaboração.

A edição crítica de sua poesia completa deve trazer benefícios em relação à leitura do que estava inédito e também corrigir o que estava mal editado. Esperamos que ela possa merecer o interesse não só de estudiosos da obra de LC, como também daqueles que buscam refletir sobre uma fase especialmente rica da literatura brasileira, aquela dos anos 1930/40.

Por fim, reiteramos que as imagens e a estrutura dos versos de LC estão também presentes em suas novelas e romances, bem mais estudados pela crítica. Pudemos contabilizar até aqui pelo menos 49 trabalhos acadêmicos, entre dissertações de mestrado e teses de doutorado, sobre sua obra. Tais estudos têm focado variados aspectos do artista, mas sempre deixando sua obra poética em segundo plano.

Tímido, atormentado e solitário, o poeta de Curvelo acabou morrendo, aos 56 anos, em decorrência também dos excessos da vida boêmia, o que decerto contribuiu para que lhe atribuísem a representação de escritor maldito. De algum modo, essa representação o acompanha depois da morte, havendo muito a estudar sobre seu legado para determinar se ela efetivamente lhe faz justiça. A presente tese almeja contribuir para preencher essa lacuna, sobretudo no que diz respeito a sua obra em verso.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- CARDOSO, Lúcio. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- Novas Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.
- "A Floresta". In: *Novas Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, p. 56.
- Crônica da Casa Assassina* (romance). Rio de Janeiro: José Olympio, 1959.
- Poemas Inéditos*. Apres. e ed. de Octávio de Faria, pref. de João Etienne Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- "A Casa do Solteiro". In: *Poemas Inéditos*. Apres. e ed. de Octávio de Faria, pref. de João Etienne Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, pp. 82-84.
- Poesias*. S.I., s/d., 484 fls. ALC, AMLB, FCRB, pasta LC28pi.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Coleção Leitura e Crítica).
- CARELLI, Mario. *Corcel de Fogo – Vida e Obra de Lúcio Cardoso (1912 – 1968)*. Trad. de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- HOUAISS, Antônio. *Elementos de Bibliologia* (2 vols.). Rio de Janeiro: INL/MEC, 1967.
- INVENTÁRIO do Arquivo Lúcio Cardoso*. Org. por Rosângela Florido Rangel & Eliane Vasconcellos Leitão. Rio de Janeiro: FCRB/MinC, 1989. (Série AMLB, 4).
- RIBEIRO, Ésio Macedo. *O Riso Escuro ou o Pavão de Luto – um Percurso pela Poesia de Lúcio*

Cardoso. São Paulo, 2001. 285 p. Dissertação (Mestrado em Letras – Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

“A Angústia em ‘A Casa do Solteiro’: Leitura de um Poema de Lúcio Cardoso”. In: *Ipotesi – Revista de Estudos Literários* - 13, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, vol. 7, n. 2, pp. 113-126, jul.-dez. 2003.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica – Crítica Textual*. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Ars Poética/Edusp, 1994.

Notas:

107. Esta comunicação fez parte da mesa redonda “Literatura Brasileira II”.

108. Ao organizar os poemas inéditos, Octávio de Faria chegou até a publicar anúncio em jornal solicitando a quem tivesse poemas de LC, que os enviasse a ele.

109. Referiremos, aqui, apenas e tão-somente sobre os manuscritos dos poemas de LC depositados no AMLB, FCRB, parte maior do objeto de nossa tese de doutorado.

110. Entendemos por variantes, a palavra ou palavras que o autor acrescentou, sobre, sob, a seguir (entre parênteses) ou à margem de uma palavra ou expressão, com vista a uma possível alteração do texto.